

# Experiências de Mulheres Vítimas de Violências

## Experiences of Women Victims of Violence

### Experiencias de Mujeres Víctimas de Violencia

Anna Júlia Veras de Lima<sup>1</sup>, Leila Batista Ribeiro<sup>2</sup>, Cristiane Machado do Vale de Andrade<sup>3</sup>, Gabriele Soares da Silva<sup>4</sup>,  
Lauren Canabarro Barrios Salles<sup>5</sup>

**Como citar:** Lima AJV, Ribeiro LB, Andrade CMV, Silva GS, Salles LCB. Experiências de Mulheres Vítimas de Violências. REVISA. 2021; 10(Esp.2): 871-86. Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v10.nEsp2.p871a886>

# REVISA

1. Centro Universitário Planalto do Distrito Federal. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-8937-5930>

2. Centro Universitário Planalto do Distrito Federal. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-6399-6966>

3. Centro Universitário Planalto do Distrito Federal. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1719-0990>

4. Centro Universitário Planalto do Distrito Federal. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-9534-1403>

5. Centro Universitário Planalto do Distrito Federal. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-4659-5958>

Recebido: 22/07/2021  
Aprovado: 17/09/2021

#### RESUMO

**Objetivo:** descrever a vivência e a experiência frente às agressões do parceiro contra a mulher em rodas de conversa na Instituição Matriusca. E os objetivos específicos foram: analisar o olhar da mulher para o motivo das agressões, discriminar os tipos de agressões sofridas pela mulher violentada, desvelar o motivo pelo qual a mulher não denunciou o parceiro. **Método:** abordagem qualitativa e método descritivo conforme os princípios de Minayo. A coleta de dados deu-se mediante entrevista realizada em rodas de conversa online promovidas pela Instituição Matriusca. **Resultados:** Foram entrevistadas 10 mulheres com idade entre 18 e 42 anos, que responderam questões referentes às violências sofridas e suas experiências. Os resultados obtidos foram divididos em 08 categorias que abordam questões sobre as violências sofridas pelas mulheres. **Conclusão:** Nas entrevistas realizadas pode-se concluir que as violências físicas e psicológicas predominam no ranking de violências, que as mulheres estão sujeitas a sofrerem e que há uma dependência tanto emocional quanto financeira das vítimas em relação ao agressor e que, após sofrerem determinadas violências parte das vítimas procuram justificar as atitudes do agressor, se sentem culpadas, mesmo que a agressão seja presenciada por terceiros, raramente acontece a denúncia. Por meio deste estudo a Enfermagem pode entender e estudar um pouco mais sobre as vítimas de violência, desde o tipo de violência que sofrem até suas necessidades ao chegarem para atendimento.

**Descritores:** Violência contra a mulher; Assistência de Enfermagem; Violência doméstica.

#### ABSTRACT

**Objective:** to describe the experience and experience in the face of partner aggression against a woman in conversation circles at the Matriusca Institution. And the specific objectives were analysis of the woman's view of the reason for the aggressions, to discriminate the types of aggressions suffered by the violent woman, to reveal the reason why the woman does not denounce her partner. **Method:** qualitative approach and descriptive method according to Minayo's principles. Data collection took place through interviews carried out in online conversation circles promoted by the Matriusca Institution. **Results:** 10 women aged between 18 and 42 years were interviewed, who asked about the violence suffered and their experiences. The results obtained were divided into 08 categories that address issues about violence suffered by women. **Conclusion:** The necessary changes can be fulfilled that physical and psychological violence predominate in the ranking of violence, that women can suffer and that there is both an emotional and financial dependence of the victims on the aggressor and that, after suffering certain types of violence, part of the killed victims justify as the aggressor's attitudes, they feel guilty, even if the aggression is witnessed by third parties, a common complaint. Through this study, nursing can understand and study a little more about victims of violence, from the type of violence it provides to its need when they get to care.

**Descriptors:** Violence against women; Nursing care; Domestic violence.

#### RESUMEN

**Objetivo:** describir la vivencia y vivencia ante la agresión de la pareja contra una mujer en los círculos de conversación de la Institución Matriusca. Y los objetivos específicos fueron: analizar la visión de la mujer sobre el motivo de las agresiones, discriminar los tipos de agresiones sufridas por la mujer violenta, revelar el motivo por el cual la mujer no denuncia a su pareja. **Método:** enfoque cualitativo y método descriptivo según los principios de Minayo. La recolección de datos se realizó a través de entrevistas realizadas en círculos de conversación online promovidos por la Institución Matriusca. **Resultados:** Se entrevistó a 10 mujeres de entre 18 y 42 años, quienes preguntaron sobre la violencia sufrida y sus vivencias. Los resultados obtenidos se dividieron en 08 categorías que abordan temas sobre la violencia sufrida por las mujeres. **Conclusión:** Se pueden cumplir los cambios necesarios que la violencia física y psicológica predomine en el ranking de violencia, que las mujeres puedan sufrir y que exista una dependencia tanto emocional como económica de las víctimas del agresor y que, luego de sufrir ciertos tipos de violencia, Parte de las víctimas muertas justifican como actitudes del agresor, se sienten culpables, aunque la agresión sea presenciada por terceros, denuncia común. A través de este estudio, la enfermería podrá comprender y estudiar un poco más sobre las víctimas de violencia, desde el tipo de violencia que brinda hasta su necesidad a la hora de recibir atención.

**Descritores:** La violencia contra las mujeres; Cuidado do enfermera; La violencia doméstica.

ORIGINAL

## Introdução

Violência contra a mulher é qualquer ação ou conduta baseada no gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como no privado. A violência contra a mulher é caracterizada como um problema de saúde pública, de interesse público, mas na maioria das vezes é um fenômeno privado na vida das mulheres, onde muitas não enxergam como violência as atitudes tomadas por terceiros<sup>1</sup>.

A ideia de submissão que a mulher sofre diante do homem é um dos motivos pelos quais as violências ocorrem. A vítima destas violências por ter diversos traumas e doenças como: ansiedade, depressão, estresse pós-traumático e suicídio. As mais visíveis e as mais conhecidas quando comparadas com outros tipos de violência é a violência física na qual consiste em todo e qualquer ato que visa reprimir a mulher através da força física, podendo acontecer socos e espancamentos, e a violência sexual que é aquela em que ocorrem atos ou tentativas de relação sexual sem o consentimento da mulher<sup>2</sup>.

A Lei 11.340 também conhecida como Lei Maria da Penha é uma lei criada para combater a violência contra a mulher, esta lei foi criada por Maria da Penha Maia Fernandes em 1983 após levar um tiro de espingarda e quase ter sido morta eletrocutada enquanto tomava banho. A Lei Maria da Penha foi aprovada somente em 2006<sup>3</sup>.

Atualmente a Secretaria de Políticas para as Mulheres, o Ministério da Saúde e o Ministério da Justiça estão juntos no desenvolvimento de ações que possibilitem estratégias de prevenção, acolhimento, atendimento e proteção às pessoas em situação de violência. Estes três órgãos também buscam criar estratégias que garantam a responsabilização e o combate à impunidade de agressores que são implementadas nas unidades de Federação<sup>4</sup>.

Diante do exposto este estudo propõe o seguinte questionamento de pesquisa:

De que maneira a mulher tem vivenciado e experienciado a violência do parceiro contra ela? Quem tem presenciado as agressões e que tipo de ajuda a mulher tem buscado como apoio?

O objetivo geral deste estudo foi descrever a vivência e a experiência frente às agressões do parceiro contra a mulher em rodas de conversas na Instituição MATRIUSCA. E os objetivos específicos foram: analisar o olhar da mulher para o motivo das agressões; discriminar os tipos de agressões sofridas pela mulher violentada; desvelar os motivos pelo qual a mulher não denuncia o parceiro.

Este estudo torna-se importante, pois poderá instrumentalizar profissionais não só da área de Enfermagem, mas tantos outros que prestam atendimento às mulheres vítimas de violência. Sabe-se que em casos de violências a vítima sente-se vulnerável a qualquer tipo de acontecimento por isso é necessário que tenha uma equipe integrada para realizar escuta ativa

para/com esta paciente e o mais importante, é necessário que se tenha um acolhimento humanizado para que assim sejam criados laços de confiança entre a mulher e o profissional.

## Método

Esta pesquisa foi fundamentada nos princípios de Maria Cecília de Souza Minayo, utilizando-se da abordagem qualitativa e método descritivo.

Os dados coletados na pesquisa tiveram início a partir da autorização do Comitê de Ética em pesquisa (CEP) emitida no parecer substanciado no CEP nº 4.937.326. Foram atendidos todos os princípios éticos para a realização da entrevista preservando assim a fidedignidade, confidencialidade e sigilo dos dados e ainda, a substituição do nome das entrevistadas por nomes fictícios aleatoriamente como forma de garantir o anonimato das participantes.

A pesquisa foi realizada em um grupo de rodas de conversas que se reúne periodicamente, com mulheres vítimas de violência. O referido grupo é coordenado pelo Instituto MATRIUSCA, localizado em Brasília/DF.

Como já descrito, para a entrevista foi realizado o contato com as participantes através por meio do aplicativo Zoom Meetings e o convite para a participação da pesquisa. Após o aceite do convite; as entrevistadas receberam via Google Forms o TCLE em duas vias para que fosse autorizado pelas mesmas.

As participantes da pesquisa atenderam aos seguintes critérios de inclusão: Ter idade igual ou superior a 18 anos, ter acesso ao aplicativo Zoom Meetings, estar disposta para participar da pesquisa, se sentir a vontade em responder às perguntas propostas, gozar de plena saúde mental, ou seja, mulheres que apresentam plenas condições e capacidades cognitivas, que estejam orientadas em tempo e espaço.

A entrevista ocorreu por meio do aplicativo Zoom Meetings no qual toda a reunião foi gravada e os dados obtidos transcritos fidedignamente.

## Resultados e Discussão

Os resultados para esta pesquisa foram obtidos por meio de entrevistas realizadas com 10 mulheres que receberam nomes fictícios, escolhidos aleatoriamente pelas entrevistadas a fim de preservar o anonimato conforme descritos a seguir.

**Tabela 1.** Perfil das participantes do estudo. Distrito Federal, 2021.

Identificação	Idade	Profissão	Grau de escolaridade	Filhos
Aurora	21	Analista de Departamento de Pessoal	Superior Completo	Solteira
Regina	42	Auxiliar de Serviços Gerais	Médio Completo	Solteira

Ariane	33	Secretaria do Lar	Médio Completo	União estável
Lorena	22	Auxiliar Administrativo	Superior Completo	Solteira
Joana	22	Autônoma	Médio Completo	União estável
Valéria	41	Vendedora	Médio Completo	União estável
Fernanda	34	Do Lar	Fundamental Completo	União estável
Tamara	25	Estudante	Superior Incompleto	Solteira
Natália	30	Comerciante	Médio Completo	Solteira
Luisa	18	Auxiliar Administrativo	Médio Completo	Solteira

Para que os dados coletados fossem analisados foram separadas 08 categorias que estão descritas a seguir:

### **Tipo de agressão sofrida**

Nesta categoria as entrevistadas relataram claramente quais os tipos de agressão sofreram, no qua houve uma prevalência entre a agressão física e verbal em grande parte dos relatos.

Verbal e Física (AURORA)

Física e Psicológica (REGINA)

Física, psicológica e sexual (ARIANE)

Física, psicológica e patrimonial. (LORENA)

Todas. Física, psicológica, verbal, sexual, moral e patrimonial (JOANA)

Física e Psicológica (VALÉRIA)

Física, verbal, psicológica, sexual e moral (FERNANDA)

Física e Psicológica (KAREN)

Física, psicológica, sexual (NATÁLIA)

Física, psicológica (LUIZA)

Pode-se notar que em todas as entrevistas as participantes sofreram algum tipo de violência. A violência em seu significado mais frequente quer dizer uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade; é constranger, é tirar a liberdade, é incomodar, é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo e sua vontade, sob pena de viver gravemente

ameaçada ou até mesmo ao seu domínio, é uma violação dos direitos essenciais do ser humano. Dessa forma pode ser compreendida como uma forma de restringir a liberdade de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, reprimindo e a ofendendo física ou moralmente.<sup>2</sup>

A violência física é entendida como qualquer conduta que venha a ofender a integridade ou saúde corporal da mulher. Espancamentos, atirar objetos, sacudir e apertar os braços, estrangular ou provocar sufocamento, torturar, ferir ou queimar com armas de fogo, ocasionar lesões com objetos cortantes ou perfurantes, são características dessa violência.<sup>3</sup>

A violência psicológica é definida como toda ação ou omissão que causa ou visa causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Esse tipo de violência inclui: ameaças, humilhações, crítica pelo desempenho sexual, não deixar a pessoa sair da casa, provocando o isolamento de amigos e familiares, ou impedir que ela utilize o seu próprio dinheiro. Dentre as modalidades de violência, é a mais difícil de ser identificada. Ela pode levar a pessoa a se sentir desvalorizada, sofrer de ansiedade e adoecer com facilidade, situações que se arrastam durante muito tempo e se agravadas, podem levar a pessoa a provocar suicídio.<sup>5</sup>

A violência moral é considerada como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria. Acusar a mulher de traição, emitir juízos morais sobre a conduta, fazer críticas mentirosas, expor a vida íntima, rebaixar a mulher por meio de xingamentos que incidem sobre sua índole e desvalorizar a vítima pelo seu modo de se vestir são condutas.<sup>3</sup>

A violência sexual é entendida como qualquer conduta que constranja a vítima a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos<sup>6</sup>.

Atitudes como controlar dinheiro, deixar de pagar pensão alimentícia, destruir documentos pessoais, furto, extorsão ou dano, estelionato, privação de bens, valores ou recursos econômicos e causar danos propositais a objetos da mulher ou dos quais ela goste, fazem parte da classificação de violência patrimonial.<sup>3</sup>

O termo violência doméstica tem sido utilizado para se referir a todas as formas de violência praticadas no ambiente familiar, no entanto, geralmente, a violência contra a mulher, perpetrada por seu companheiro, constitui um dos tipos mais ocorrentes.<sup>7</sup>

A violência contra a mulher é um problema mundial e constitui um caso de saúde pública. Esse tipo de problema acarreta nas mulheres violentadas uma série de sintomas físicos e emocionais, tais como: ansiedade, medo, sentimento de inferioridade, insegurança, baixa autoestima e grande sofrimento psíquico, que requer tratamento diferenciado com analistas.<sup>7</sup>

## Formas de agressões sofridas

Nesta categoria as entrevistadas relatam sobre as formas de agressões sofridas, como por exemplo tapas, chutes, mordidas e entre outros:

Sim. Na primeira agressão eu levei um tapa no rosto. (AURORA)

Sim, quando ele me agrediu tiveram tapas, chutes, socos... tudo que é bem típico numa agressão física. Fora os nomes que ele me xingava (REGINA)

Sim. Na última briga que tivemos ele chegou muito bêbado e drogado por volta das 3h da manhã em nossa casa e quando eu pedi pra ele ir tomar um banho para se deitar e ir dormir ele se revoltou comigo, quase me matou. Me bateu de tudo que foi jeito, puxou meus cabelos, me mordeu e me bateu em lugares que é difícil ver, só vê se a pessoa me ver nua. Apesar de estar muito bêbado e drogado ele estava com uma força surreal e me forçou a ter relação sexual com ele (ARIANE)

Sim. Todas as agressões sempre tinham essas atitudes de puxar o cabelo, me beliscar, dar socos e inclusive numa das agressões ele me chutou e como eu estava grávida bati com a barriga na quina da mesa antes de cair no chão, daí tive que ir às pressas pro hospital porque estava sentindo muita dor só que claro, fui sozinha porque se eu fosse com ele todo mundo ia saber que ele me agrediu porque eu não ia conseguir segurar o choro e os médicos iam querer saber o que aconteceu, meus pais também (LORENA)

Sim, como eu disse antes ele sempre me deixa intimidada e eu vivo com medo dele, ele sempre me bate em lugares que é nítido ver que eu apanhei e quando fica muito machucado eu fico dentro de casa, porque tenho vergonha de sair pra rua assim (JOANA)

Sim, eu já sofri agressão física por parte dele. Das últimas vezes eu tenho levado uns puxões de cabelo [...] (VALÉRIA)

Toda agressão é a mesma coisa, soco, murro, tapa, chute... tudo sempre, até mesmo quebrar meu maxilar (FERNANDA)

Na primeira agressão eu levei um empurrão seguido de um tapa nas costas, daí as próximas foram mais graves, socos, murros, chutes... (KAREN)

Ele sempre foi muito ciumento. Na primeira agressão estávamos juntos num bar e ele me agrediu dentro do carro quando estávamos indo embora porque o garçom pediu meu número de telefone (NATÁLIA)

Quando eu descobri que estava grávida eu fui contar para ele, esperava uma reação melhor... fui agredida com socos no rosto, puxões de cabelo e chutes na barriga. (LUIZA)

Se engana quem acredita que o fenômeno da violência está representado somente pelo uso agressivo da força de determinada pessoa ou grupo contra uma outra pessoa ou grupo, o conceito de violência também vai além da força física usada de forma indevida, à possibilidade ou ameaça de utilizá-la contra uma outra pessoa. Isso implica no conceito de coação, ocorrendo esta quando o

agressor utiliza de quaisquer procedimentos para obrigar e procurar forçar a outra pessoa a realizar determinada situação contra a vontade desta pessoa<sup>8</sup>.

Historicamente, a mulher tem assumindo um papel de submissão e o homem de dominação, que muitas vezes pode gerar uma relação perigosa, passando de agressões verbais, para físicas, podendo chegar ao homicídio.<sup>9</sup>

### **Início das agressões**

Nesta categoria as entrevistadas relataram o início das agressões e pelo que consta nos relatos, todas as agressões começaram após um certo tempo de convivência, em especial para quem tinha um tempo maior de convivência, conforme a seguir:

Na primeira separação. (AURORA)

Há 1 ano atrás. Mas foi uma única vez. (REGINA)  
Não me lembro ao certo quando elas começaram.  
(ARIANE)

As agressões começaram em torno de 1 ano após o nosso relacionamento, começamos a namorar em 2018 e quando completamos 1 ano de namoro elas começaram. (LORENA)

Há 2 anos atrás, logo após eu descobrir que estava grávida.  
(JOANA)

Começaram em torno de 4 meses atrás. Nesses últimos meses ele anda me agredindo muito, as agressões quando não são físicas são verbais. (VALÉRIA)

Começaram há uns 4 anos atrás. (FERNANDA)

Há 5 anos estamos juntos e as agressões começaram há 4 anos e 8 meses. (KAREN)

Quando completamos 5 meses de namoro. (NATÁLIA)

Logo após eu descobrir que estava grávida, em torno de 6 meses atrás. (LUIZA)

Segundo uma pesquisa realizada pelo FIBGE (Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), no ano de 1989, foi constatado que 63% das vítimas de violência doméstica eram mulheres, sendo 43,6% com idades entre 18 e 29 anos. Nestes casos, 70% dos agressores foram os próprios companheiros.<sup>6</sup>

A grande parte dos responsáveis pela violência contra a mulher no Brasil segundo o Mapa da Violência de 2015 são homens com os quais as vítimas em algum momento tiveram relações afetivas. E em geral, a maioria das vítimas tem idade entre 18 a 30 anos, faixa etária onde também está compreendida a maioria dos agressores. O fato de haver uma relação de violência contra a mulher e a afetividade entre agressor e vítima, pode estar relacionado ao sentimento de posse culturalmente estranhado na sociedade como herança histórica, pois desde muito tempo a mulher é subjugada ao seu marido,

inclusive na jurisdição. O sentimento de posse é sustentado pela cultura que influencia a mídia de forma a romantizar tal posse.<sup>8</sup>

### **Testemunhas das agressões**

Nesta categoria, as entrevistadas relataram que as agressões não eram reservadas, longe das pessoas, mas que familiares, amigos e conhecidos presenciavam tudo.

Amigos. (AURORA)

Sim, minha filha que na época tinha 17 anos. (REGINA)

Moramos nós 3, eu ele e nosso filho e sempre que tem agressão física nosso filho presencia. (JOANA)

Moramos apenas nós dois, mas as agressões verbais são constantes até mesmo na frente de vizinhos, amigos, meus familiares. (VALÉRIA)

Sim. Temos 8 filhos e todas as vezes que ele me xinga ou me bate os meninos sempre presenciam. Ele também já tentou me bater na vez que minha mãe veio me visitar. (FERNANDA)

Sim. Nosso filho de 3 anos. (KAREN)

Sim, meus avós. (NATÁLIA)

Minha irmã mais nova. (LUISA)

Muitas mulheres violentadas são mães e suas crianças estão expostas a situações de violência, presenciando as agressões ou até mesmo sendo vítimas conjuntamente a mãe.<sup>9</sup>

A violência doméstica apresenta pontos de sobreposição com a família, podendo também atingir pessoas que, não pertencendo à família, vivem, parcial ou integralmente, no domicílio do agressor, como é o caso de agregados e empregadas (os) domésticas (os).<sup>10</sup>

### **Rede de apoio**

Nesta categoria as entrevistadas relatam como chegaram até o grupo de apoio, a maioria foi em rede social através de indicação de amigas.

Através de amigas que me indicaram ver o post no Instagram. (Aurora)

Através do post no Instagram. (REGINA)

Através do anúncio que vi no Instagram. (ARIANE)

Através de amigas. (LORENA)

Através do post no Instagram. (JOANA)

Através do Instagram. (VALÉRIA)

A minha filha mais velha que me encorajou. (FERNANDA)

Através da postagem no Instagram. (KAREN)

Através de uma seguidora que postou no Instagram. (NATÁLIA)

Através do post no Instagram. (LUIZA)

Rede social é definida como a trama de relações que envolvem os sujeitos, sejam pessoas, instituições ou movimentos sociais, considerados atores<sup>11</sup>.

As redes sociais não se caracterizam apenas pela função de apoio ou suporte social, elas podem se assumir como redes de apoio, mas também como redes destrutivas ou inócuas, dependendo de sua natureza e composição<sup>12</sup>.

### **Sobre os motivos para as agressões**

Nesta categoria as entrevistadas relataram sobre as vezes em que procuram motivos para justificar tais agressões; citam se sentirem culpadas; ciúmes, natureza do indivíduo e até se privam para evitar espancamentos, conforme a seguir:

Sim. Quando houve a primeira agressão eu pensei que tal atitude tivesse sido motivada por termos brigado naquela noite e eu ter saído para uma festa sem a autorização dele e também pelo fato dele não gostar que eu saísse sozinha (AURORA)

Não, quando teve a primeira e única agressão física eu não sabia e nem queria saber o porquê ele me agrediu porque eu nunca fiz nada pra ele cometer uma atitude dessa comigo (REGINA)

A gente sempre procura motivos. Às vezes a gente pensa que é exagero da gente querer cuidar da pessoa, as vezes acha que é por causa de uma cervejinha que ele tomou no bar, as vezes a gente coloca culpa em nós mesmas por vestir uma roupa e ele não gostar. Meu marido é muito ciumento então eu evito ao máximo usar roupa com decote, porque sempre eu apanho se eu pelo menos olhar pro lado (ARIANE)

Eu procurava sim, as vezes evitava falar alguma coisa porque como sempre, o agressor coloca a mulher na parede como se ela fosse a culpada das coisas e eu como mais uma vítima achava que eu tinha culpa, que estava pegando muito no pé e que a gravidez estivesse influenciando na minha mudança de humor e que por isso aconteciam as nossas brigas e consequentemente as agressões (LORENA)

No começo eu procurava motivos pra isso acontecer porque não era comum isso acontecer, mas depois se tornou frequente e eu parei de procurar motivos porque acho que não justifica as agressões. Eu nunca o insultei nem nada pra isso acontecer (JOANA)

[...] Acredito que a maioria das agressões que eu sofri e venho sofrendo são motivadas pelo álcool. Não existe outra explicação [...] (VALÉRIA)

Quando tem uma agressão eu só consigo pensar “por que ele me bate?” (FERNANDA)

Na primeira agressão eu tentei buscar motivos que justificassem o porquê dele me bater porque estávamos numa festa de um amigo dele e só porque eu fui dançar com o rapaz ele me agrediu na frente de todos que estavam ali, então achei que fosse por ciúmes, mas nas outras vezes eu não fazia nada que justificasse ele me bater, às vezes até o jeito que

eu falava com ele já era motivo pra ele vir pra cima de mim me agredir (KAREN)

Então, eu sempre achei que os ciúmes que ele tinha de mim fossem os motivos das brigas e das agressões, mas eu vi depois de um tempo que esse era o jeito dele (NATÁLIA)

No começo eu acreditei que ele sempre fosse estressado por ficar dias tentando não usar droga, mas depois mesmo ele usando ele era agressivo. (LUISA)

Provavelmente, os homens que praticam violência contra suas parceiras têm uma história pregressa de haver vivenciado ou até mesmo sofrido algum tipo de violência da parte de seus pais, as quais podem interferir na sua idealização como homem. Estes acontecimentos tendem a leva-los a reproduzir tais atos na sociedade e, principalmente no âmbito familiar.<sup>13</sup>

Algumas características desenham esse complexo cenário: habitualidade: 20% das mulheres vítimas sofrem violência diariamente; opressão: 20% das vítimas permanece na situação por medo de vingança do agressor; intensa carga de violência: de cada 10 mulheres assassinadas no Brasil, 7 mulheres foram mortas por pessoas com as quais tinham vínculo afetivo.<sup>14</sup>

O ciúme considerado “normal” é aquele que ocorre em uma situação real de competição e o “patológico” e/ou “doentio” o que ocorre em uma situação imaginária. Ainda o “ciúme patológico” é aquele que envolve o delírio de uma traição.<sup>15</sup>

O comportamento emocional ciumento como posse é um elemento que não consiste em todas as situações de comportamento emocional ciumento, uma vez que há a possibilidade de uma pessoa apresentar tal comportamento, mesmo que esta pessoa não possua uma relação íntima com a outra. Apesar disso, é possível entender a associação feita entre comportamento emocional ciumento e posse, principalmente se levarmos em consideração as relações de gênero vivenciadas, ao longo dos anos, como relações assimétricas de poder entre homens e mulheres, nas quais a mulher frequentemente se encontra em situação de subordinação.<sup>16</sup>

Ciúme e traição são temas de grande importância para os estudos sobre violência doméstica e conjugal, conforme tem sido demonstrado em diferentes pesquisas.<sup>17</sup>

### **A falta de liberdade da vítima**

Nesta categoria as entrevistadas relatam com detalhes sobre a privação que sofriam/sofrem do agressor, como por exemplo: acesso à contato com amigos, família, sobre os ciúmes doentio e também sobre a privação ao trabalho.

Sim (AURORA)

[...] ele sempre foi muito ciumento e via coisas onde não tinha, se eu conversasse com uma amiga ele já dizia que estávamos falando de “macho”, se eu saísse com uma roupa ele dizia “já vai se amostrar pra macho?” então sempre foi bem complicado essa parte dele ser ciumento (REGINA)

Quando ele me agride ele não deixa que eu tenha contato com ninguém, na última vez que ele me agrediu ele pegou meu celular e depois me devolveu com todos os meus contatos apagados. Não tenho nem mais o número da minha mãe, do meu pai e do restante da minha família (ARIANE)

Eu não posso falar com ninguém quando estou com ele, eu não posso tirar foto e não posso me expressar (JOANA)

Eu não consigo entender o porquê sou obrigada a ficar dentro de casa apanhando de um cara que não me quer, que não gosta de mim e que já até me disse que está com outra. Não posso sair com minhas amigas, se alguém da minha família vier em minha casa eu não posso ficar conversando à sós e o pior, me proíbe até mesmo de ficar mexendo no celular (VALÉRIA)

Não sou uma mulher de sair para festas e baladas porque antes de morarmos juntos ele sempre proibiu, até mesmo usar roupa curta e eu sempre enxerguei essa atitude como uma forma de me proteger. Mas aos poucos eu fui me afastando de todos que eu tinha como amigos antigamente, até mesmo minha família... ninguém quer saber de mim. (FERNANDA)

Eu hoje em dia não tenho mais amigas, até mesmo com minha mãe falo poucas vezes e só posso ir na casa dela quando ele vai junto. (KAREN)

Depois que começamos a namorar eu comecei a agir de uma forma que não agia, eu mudei totalmente minha personalidade. Sempre fui uma pessoa que saiu para festas, baladas, tinha amigas e depois que comecei a me relacionar eu me privei de muitas coisas, parei de sair, até quase saí do meu emprego, tudo por conta dos ciúmes doentio dele (NATÁLIA)

Ele não gostava que eu trouxesse minha irmã ou outra pessoa da minha família aqui para casa, nem mesmo falar com os amigos dele quando ele não estava em casa, sempre foi muito controlador, não me deixava vestir roupas curtas, com decote (LUIZA)

A teoria feminista foca na questão da dominação masculina sobre as mulheres. Os homens representam uma categoria social que detém um “projeto de dominação-exploração” das mulheres, ou seja, historicamente a mulher foi objeto de exploração pelo sexo oposto, como resultado<sup>18</sup>.

O agressor, antes de “poder ferir fisicamente sua companheira, precisa baixar a autoestima de tal forma que ela tolere as agressões”.<sup>19</sup>

Quando se focaliza a violência que ocorre dentro da família, considerada “um ninho de afeto”, as pessoas sentem-se envergonhadas de admitir, mesmo para amigos, que um membro de sua família é um agressor. Assim, qualquer que seja a modalidade de violência, geralmente se forma em torno dela uma conspiração do silêncio, ninguém fala sobre o assunto. Torna-se, pois, quase inacreditável pensar que dentro de seu lar a mulher esteja à mercê de um companheiro agressivo, isto contraria o que se poderia esperar, uma vez que este espaço é visto como sagrado.<sup>20</sup>

## Sobre denunciar o parceiro

Nesta categoria uma minoria das entrevistadas relata sobre as denúncias feitas e depois retiradas, falam sobre o medo em denunciar o agressor devido às ameaças sofridas.

Sim. Quando ele me agrediu eu fui na delegacia e registrei o boletim, tive também medida protetiva contra ele, mas com alguns dias nós voltamos a namorar e eu retirei a medida, logo após um tempo as agressões verbais se tornaram mais frequentes e foi quando eu decidi terminar meu relacionamento com ele. Atualmente não tenho medida protetiva, não temos contato algum (AURORA)

Sim, porém, o que acontece, temos um filho de 6 anos que é louco nesse pai dele e que pelo meu filho eu sou capaz de tudo, até mesmo de perdoar e seguir em frente com minha vida, mas é claro sem manter relações de marido e mulher. [...] na última vez que nos falamos ele me ameaçou e eu registrei um boletim de ocorrência contra ele e estou indo pra minha 6ª medida protetiva (REGINA)

Não, pois eu tenho medo dele me matar depois porque sabemos que a justiça é falha nesse mundo em que vivemos. Inclusive, uns dias atrás minha sogra e minha cunhada vieram almoçar na nossa casa e a minha sogra percebeu que eu não tão alegre, aí minha sogra perguntou se estava tudo bem e eu respondi que sim, mas minha vontade era de falar o que aconteceu. Quando eu disse que estava tudo bem ela perguntou “meu filho te bateu?” e eu abaixei a cabeça e me calei, aí ela disse “não adianta se calar, eu sei que ele te bateu eu conheço o filho que eu tenho, e quando mais novo ele matou a primeira mulher dele porque sempre foi ciumento e colocava coisa na cabeça”. Só que eu não sabia disso, porque ele não fala muito sobre o passado dele e eu estou com medo de denunciar ele [...] (ARIANE)

Não e na minha opinião não adianta denunciar se ele vai continuar infernizando minha vida. Das agressões eu nunca denunciei, só expus para minha família e para amigos, mas eu o denuncio caso ele não pague pensão ao meu filho, que é obrigação dele (LORENA)

Não. Eu me vejo num beco sem saída, não tenho pra onde ir, não tenho família, não tenho ajuda de alguém, não tenho dinheiro e o pior não tenho liberdade de me expressar e poder contar pra alguém de força maior pra poder me ajudar. Tenho muito medo do que pode acontecer e temo que a situação piore, fico pensando em sair dessa casa e ir pra debaixo da ponte, mas temo pela saúde do meu filho e pela segurança dele, sei que não estamos vivendo bem nessa casa junto com meu marido que todos os dias me bate, mas não sei onde é pior, na rua ou dentro da minha própria casa (JOANA)

No meu caso eu ainda não tomei iniciativa para acabar com esse sofrimento, pensei várias e não tive coragem. Talvez eu seja fraca como ele mesmo disse, pois, essa coragem de ir denunciar eu não tenho e olha que nem preciso dele para absolutamente nada pois eu trabalho e consigo me sustentar sozinha (VALÉRIA)

Eu gostaria muito de denunciar e parar de apanhar, mas temos 8 filhos juntos, imagina como deve ser ruim não ter um pai presente porque ele está na cadeia? Meus filhos amam o pai apesar dele me bater. Minha filha mais velha sempre me encoraja a ir na polícia e denunciar o pai

dela, mas eu sempre tive medo. Não quero que meus meninos cresçam e fiquem espelho do pai, mas também não quero que eles sofram por ter um pai ausente (FERNANDA)

Eu nunca o denunciei e nunca contei a ninguém que ele me bate porque sempre sofri ameaça dele dizendo que iria sumir com nosso filho de 4 anos caso eu o deixasse ou o denunciasses (KAREN)

Então, meu agressor não tem como ser preso pelo fato de ser policial e conhecer advogados, delegados e agentes penitenciários. (NATÁLIA)

Eu o denunciei quando eu fui agredida pela última vez, porque quando cheguei no hospital a Enfermeira me aconselhou a fazer um boletim e pedir a medida protetiva, eu fiz, mas tenho medo dele voltar aqui para Brasília e fazer algo comigo. (LUIZA)

A Lei Maria da Penha foi criada em 2006 para atender a um clamor internacional de defesa dos direitos da mulher, expresso no Comitê para Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (CEDAW), na Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, realizada no Pará, em 1994 e também para atender a própria promulgação constitucional do Brasil, no art. 226, que entende que “o Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações”.<sup>8</sup>

No que tange ao caráter legal, a Lei por ser compreendida como uma política pública, o conceito de política pública está relacionado a procedimentos formais e informais destinados à resolução pacífica dos conflitos.<sup>8</sup>

É necessário entendermos o que é a dependência emocional para compreendermos o porque as mulheres ainda permanecem na relação. A dependência vai além do amor, a pessoa para se sentir bem precisa da presença de outro, seja ele parceiro, namorado ou marido, é como se ela anulasse e só conseguisse viver se existir o outro para lhe dar suporte.<sup>21</sup>

A dependência emocional é caracterizada por reforço negativo, pois leva em consideração o medo que a mulher tem de perder o afeto do seu parceiro, enquanto o amor configura-se em reforço positivo, pois acrescenta-se a afetividade, afirmando que quando duas pessoas ficam juntas por hábitos ou dependências emocionais elas tendem a desencadear um ódio inconsciente uma pela outra, o que provoca cada vez mais o aumento de uma relação disfuncional e até mesmo o aumento das agressões<sup>22</sup>.

Existe um jogo emocional na relação disfuncional entre o agressor e a vítima, pois quando separados o homem faz promessas de que irá mudar e a mulher por estar dependente emocional do parceiro acredita e volta a conviver com o parceiro reiniciando então o ciclo de violência<sup>23</sup>. Sendo assim nota-se então tamanha dependência emocional da mulher com relação ao agressor, o que contribui para sua permanência os relacionamentos abusivos tendo seu companheiro total capacidade de influenciar nas suas decisões.<sup>23</sup>

A mulher tem necessidade de se manter na relação, nem que para isso tenha que assumir a responsabilidade de tudo que ocorre no relacionamento.<sup>23</sup> Os principais fatores que podem ser identificados na relação de dependência é a tristeza, a incapacidade de viver sozinha, a mulher não tem vida própria, todos os seus afazeres têm que girar em torno do companheiro, não consegue viver sem ele, tem a idealização de que algum dia ele irá mudar<sup>21</sup>.

A violência doméstica é extremamente prejudicial à formação moral das crianças, pois reforça estereótipos e relações baseadas na violência e intolerância, ou seja, se os filhos estão expostos às cenas repetitivas de violência, eles vão partir do que estão vivenciando, apresentar ao longo da vida comportamentos agressivos e abusivos.<sup>24</sup>

O ambiente familiar é local onde grande parte da experiência dos filhos é contruída, através do convívio com os pais, seja ele sadio ou não. Se os filhos estão expostos às cenas repetitivas de violência, eles vão a partir do que estão vivenciando, apresentar ao longo da vida comportamento agressivos e abusivos, podendo replicarem, generalizarem ou naturalizarem o que vivenciaram para sua vida, refletindo-se brevemente ou inevitavelmente, na fase adulta bem como em futuras relações.<sup>24</sup>

A palavra guarda para o Direito de Família tem significado ampliado, visto que é uma obrigação que possuem certas pessoas de zelar pela conservação de bens que lhe são confiados.<sup>24</sup> A guarda é a obrigação legal de prestar assistência moral e material a menor, sob o pátrio poder – poder familiar – por parte de seu responsável.<sup>24</sup> O instituto da guarda está previsto tanto no Estatuto da Criança e do Adolescente nos artigos 33 a 35, os quais se baseiam nos princípios constitucionais dispostos nos artigos 227 a 229 da Constituição da República Federativa do Brasil de 1998, quanto nos artigos 1.583 a 1.590 do Código Civil, e tem por finalidade elencar as regras referentes à “Proteção da Pessoa e dos Filhos”.<sup>24</sup>

Em 1989 surgiu a existência a nível internacional de um documento harmonizador para modificar de forma global, regras e medidas para a promoção e proteção dos direitos das crianças, juntamente com a Convenção Sobre os Direitos da Criança (CSDC) das Nações Unidas. A Lei nº142/2015 de 8 de Setembro, foi criada no sentido de suprir ou compensar e corrigir a incompetência parental, que faça colocar as crianças e jovens em perigo. De uma forma mais aprofundada, a Lei pretende salvaguardar as situações em que existe uma atividade/ omissão, das pessoas com responsabilidades parentais (progenitores ou quem tenha a guarda de fato) da própria criança ou até mesmo de um terceiro e que a coloca assim em perigo, sempre que é potencialmente causal em relação aos interesses desta.<sup>25</sup>

A disputa de guarda surge no contexto do fim do relacionamento dos pais. A questão que se coloca nessas disputas é de que o “rompimento da relação de conjugalidade dos genitores não pode comprometer a continuidade dos vínculos parentais pois o exercício do poder familiar em nada é afetado pela separação. O estado de família é indisponível. A unidade familiar persiste mesmo depois da separação de seus componentes, é um elo que se perpetua.”<sup>25</sup>

Quando a fase do cuidado não é tão intensa e a criança entende a situação que a envolve, no caso, a de testemunha de violência doméstica, passa a ter uma disputa de lealdade que atinge as crianças. Pai e Mãe colocam as crianças no conflito, exigindo-lhes lealdade na trama contra o parceiro. Esse conflito é a pior disputa que pode decorrer na ruptura da conjugalidade porque coloca na criança, a dúvida quanto à “permanência das funções de cuidar, de proteger e de prover as necessidades materiais e afetivas dos filhos(as).”<sup>23</sup>

## Considerações finais

Este estudo atendeu aos objetivos propostos e trouxe pontos importantes para nossa reflexão: que a violência física e psicológica predomina no ranking de violências contra a mulher no interior da sua casa; que parece existir uma dependência tanto emocional quanto financeira por parte das vítimas em relação aos agressores; que a maioria das entrevistadas não oficializam uma denúncia à polícia, devido ao medo e receio de perderem a moradia e a guarda dos filhos e, por

fim que as mulheres não conseguem identificar de forma rápida que estão em um relacionamento abusivo, repressor e controlador, sugestivo de violências no futuro.

Mediante esta constatação é evidente que o enfermeiro passa a ter um papel fundamental no que diz respeito ao acolhimento e ao cuidado humanizado prestado à mulher vítima de violência. A forma de atender, o tom da voz, o olhar durante a consulta e a escuta ativa daquilo que a mulher tem para dizer são os diferenciais para que o enfermeiro seja a pessoa de confiança dessa mulher. A assistência deve ser planejada promovendo a segurança, o respeito e a satisfação da vítima em suas necessidades, sejam elas individuais ou coletivas. A vítima deve ser e se sentir protegida pela equipe de enfermagem.

Também é importante salientar que a abordagem multiprofissional, o registro e notificações, o encaminhamento para uma rede de apoio à saúde mental e aos órgãos de proteção à mulher orientações e acompanhamentos, devem ser considerados como parte de rotina para esse tipo de atendimento.

E por fim, este estudo sugere que novas pesquisas sejam realizadas para que essa problemática não seja banalizada ou esquecida, mas que possa também, descrever os sentimentos, as dificuldades e conhecimento específico do profissional enfermeiro que está à frente do serviço de atendimento à mulher vítima de violência.

## Agradecimento

Essa pesquisa não recebeu financiamento para sua realização.

## Referências

1. Brasil. Definição de Violência contra a mulher. Coordenadoria de Violência contra a Mulher. [Internet]. [Acesso 8 Mar 2021]. Disponível em: <https://www.tjse.jus.br/portaldamulher/>.
2. Melo MT, Teles MAA. O que é violência contra a Mulher. Primeiros Passos. Editora Brasiliense. 2002. 3-10.
3. Tipos de Violência [Internet]. Internet; 2018 Fev 05 [citado 8 Mar 2021]. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/tipos-deviolencia.html>.
4. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Rede de Enfrentamento – À violência contra as Mulheres. 2011. [Acesso 8 Mar 2021]. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/omv/entenda-a-violencia/pdfs/rede-de-enfrentamento-a-violencia-contra-as-mulheres>.
5. Ministério da Saúde. Violência Intrafamiliar: Orientações para a prática em serviço. [Internet]. Editora MS. 2011 Jan 01. Cadernos de Atenção Básica nº8; [citado 21 Mar 2021]. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05\\_19.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf).
6. Carvalho CS, Ferreira DN, Santos MKR. Analisando a Lei Maria da Penha. A violência sexual contra a mulher cometida por seu companheiro. Universidade Estadual de Londrina. [citado 01 Abr 2021].
7. Wilhelm FA, Tonet JT. Percepção sobre a violência doméstica na perspectiva de mulheres vitimizadas. [Internet]. Curitiba. V.25. 2007. P.402-402. [Acesso 18 Nov 2021]. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/viewFile/20047/19333>.
8. Almeida TA. A violência nos relacionamentos amorosos. Brasil Medicina. 2001. [Internet]. [Acesso 18 Nov 2021]. Disponível em: [http://files.dra-marcelamoura.webnode.com/200000599f1151f2109/!!!A\\_Violencia\\_nos\\_relacionamentos\\_amorosos!!!!.pdf](http://files.dra-marcelamoura.webnode.com/200000599f1151f2109/!!!A_Violencia_nos_relacionamentos_amorosos!!!!.pdf).
9. Ribeiro et al. Violência contra a Mulher. Intecom. 2012. [Internet]. [Acesso 18 Nov 2021].
10. Saffioti, Heleieth IB. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987. [Acesso 18 Nov 2021]. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/spp/a/qKKQXTJ3kQm3D5QMTY5PQqw/?format=pdf&lang=pt>.

11. Brandão ER. Nos corredores de uma Delegacia da Mulher: um estudo etnográfico sobre as mulheres e a violência conjugal [dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2004.
12. Abreu SG. Programa Rede Social: Questões de Intervenção em Rede Secundária. *Interações*, n. 5, p. 67-90, 2003.
13. Gomes NP, Dini NMF, Araújo AJS, Coelho TMF (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias de gênero e geração. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(4), 504-538.
14. Pereira DP. *Sexualidade e Relação de Gênero*. Atena Editora. 2019. Ponta Grossa.
15. Buss DM. A paixão perigosa: Por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo (M. Campello, Trad.). Rio de Janeiro: Objetiva. (Trabalho original publicado em 2000)
16. Oliveira A, D'Oliveir, AF. Violência de gênero contra trabalhadoras de enfermagem em Hospital Geral de São Paulo (SP). *Revista de Saúde Pública*, 42 (5), 868-876.
17. Pillai K, KRAYA N. Psychostimulants, adultattention deficit hyperactivity disorder and morbidjealousy. *The Australian and New Zealand Journal of Psychiatry*, Sydney, v.34, n. 1, p. 160-163, 2000.
18. Motter CP. Estupro nos relacionamentos amorosos: violência doméstica contra a mulher. In: *Âmbito Jurídico*, Rio Grande, XIV, n. 89, jun 2011.
19. Barberá EL. Violência e poder na vida cotidiana do casal. In: VITALE, M. A. F. (Org). *Laços amorosos*. São Paulo: Agora, 2004.
20. Biasoli-Alves ZMM. A pesquisa em psicologia – análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: Romanelli G, Biasoli- Alves ZMM, organizadores. *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis-Summa; 1998. p.35-157
21. Damasceno C. Dependência emocional ou amor? Você vive que tipo de relacionamento? [internet]. *Mulheres bem resolvidas*, 2018.] Acesso 31 maio 2021]. Disponível em: <https://www.mulheresbemresolvidas.com.br/dependencia-emocional/>.
22. Lins, RN. Dependência emocional e amor se confundem [internet-]. [acesso em dezembro 07 2021]. Disponível em: <https://reginanavarro.blogosfera.uol.com.br/dependenciaemocionaleamorseconfundem.2017>
23. Cardoso NMB. Psicologia e relações de gênero: a socialização do gênero feminino e suas implicações na violência conjugal em relação às mulheres. In: Zanella, A. et al. (Orgs). *Psicologia e práticas sociais*. 19. ed. Porto Alegre: Abrasposul, 1997.
24. Narvaz MG, Sílvia HK. Famílias, gêneros e violências: Desvelando as tramas da transmissão transgeracional da violência de gênero. *Violência, gênero e políticas públicas* 2 (2004): 149-176.
25. Martins PC. *A proteção das crianças e jovens em risco: traços e percursos*. Edições Almedina: São Paulo; 2010.

**Autor de Correspondência**

Anna Júlia Veras de Lima  
Centro Universitário Planalto do Distrito Federal  
Av. Pau Brasil - Lote 2. CEP: 71916-000-Águas Claras.  
Brasília - Distrito Federal, Brasil.  
[jlvrss10@gmail.com](mailto:jlvrss10@gmail.com)